

# Marx e Engels como estudiosos das relações internacionais no século XIX

MUNIZ GONÇALVES FERREIRA\*

## Em busca da obra perdida

Marx e Engels estiveram entre os intelectuais mais interessados no estudo dos problemas internacionais na segunda metade do século XIX. Essa afirmação liminar conflita com quase tudo que foi escrito até aqui pela grande maioria dos estudiosos da obra desses dois autores, bem como com o que tem sido afirmado pela quase totalidade dos especialistas contemporâneos em relações internacionais. O politólogo alemão C. D. Kernig, por exemplo, organizador de uma extensa obra de confrontação do marxismo com outras correntes do pensamento ocidental, afirmava que as obras dos fundadores da tradição marxista “*não contêm nenhuma teoria própria das relações internacionais, mas somente uma teoria derivada* [grifo meu, M. F.]” (Kernig, [1973] 1975, p.42). Não obstante possuírem uma inegável erudição no que concerne à bibliografia de Marx e Engels, tanto o sociólogo francês Raymond Aron quanto o cientista político italiano Norberto Bobbio, ignoraram os textos daqueles autores dedicados especificamente ao tratamento dos temas da vida internacional. Destarte, ao enfocarem criticamente a proposta de uma teoria marxista das relações internacionais, buscaram a ossatura da mesma por um lado nas teorizações marxianas sobre o Estado, a revolução e os processos de reprodução ampliada do capital, por outro lado na teoria lenineana do imperialismo e seus derivados.<sup>1</sup>

---

\* Professor de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: munfer@terra.com.br.

<sup>1</sup> Ver a esse respeito a clássica obra de Raymond Aron (1986), bem como o ensaio de Norberto Bobbio (s/d), *As relações internacionais e o marxismo*.

Porém, a admissão da existência de uma reflexão marxiana, especificamente dedicada à formação dos Estados nacionais modernos e ao papel desempenhado por eles no cenário mundial, já havia sido pioneiramente tematizada pelo professor Salomon F. Bloom da Universidade de Columbia (EUA), no ano de 1941. Em seu trabalho intitulado *O mundo das nações*, o estudioso norte-americano extraía da obra de Marx uma interpretação positiva sobre o aparecimento do Estado nacional moderno, definido por ele como uma “entidade histórica substancial”. Segundo Bloom ([1941] 1975), o fundador da tradição marxista conseguira, no seu tempo, se diferenciar tanto dos demais pensadores e dirigentes políticos radicais contemporâneos que compreendiam o Estado nacional como mera expressão dos interesses de classe da burguesia, quanto dos ideólogos nacionalistas que em suas formulações apoiavam-se na estreiteza nacional. Marx teria impresso à compreensão do fenômeno nacional as marcas de uma visão histórica e internacionalista. Segunda tal perspectiva, o Estado nacional seria percebido em sua transitoriedade e admitido enquanto parte constitutiva de um sistema de relações mundiais de poder. Repudiava, no entanto, a apologia da grandeza e do exclusivismo nacionais que começavam a ganhar corpo em meados do século XIX. Em lugar disso, defendia a edificação de um sistema de relações internacionais cooperativas e amistosas, orientadas para o desenvolvimento pleno das sociedades humanas.

Não menos digno de nota é o ensaio elaborado pelo marxólogo grego Kostas Papaioannou, no ano de 1967, intitulado *Marx e a política internacional*. Nesta obra, o autor problematizava as concepções do pensador alemão acerca dos fenômenos da realidade internacional da segunda metade do século passado, procurando, entretanto, aproximá-las das matrizes do *pensamento político realista*.<sup>2</sup> Tratava-se, portanto, de certa forma, de uma *revalorização crítica* da obra de Marx, empreendida por um autor situado no âmago de uma das escolas de pensamento mais notoriamente adversas à tradição marxista.

Já na década de 1970, Miklós Molnár transformava as indicações de Papaioannou em um estudo sistemático. Em sua obra *Marx, Engels et la politique internationale*, de 1975, dedicou tratamento exaustivo aos textos produzidos pelos dois intelectuais alemães, sobre os problemas mundiais do século XIX. Do denso estudo de Molnár (1975), pode-se extrair sugestões de grande utilidade para o desenvolvimento ulterior das investigações como, por exemplo: a) o conceito de imperialismo (ao qual os estudiosos das relações internacionais do Ocidente atribuíram um papel central na chamada “teoria marxista das relações internacionais”) inexistente, seja no vocabulário, seja no horizonte teórico de Marx e de

---

2 As matrizes do pensamento político realista remontam às obras do pensador florentino Nicolau Maquiavel (1469-1527) e do filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679). Através de diversas reelaborações, tal base teórica possibilitou a constituição, na segunda metade do século XX, do paradigma realista aplicado ao estudo das relações internacionais. Tal paradigma tem como uma de suas marcas mais expressivas a crítica à tradição marxista, o que atribui um caráter especial à reivindicação de Papaioannou.

Engels; b) na enorme literatura dedicada ao estudo de Marx e do marxismo não há qualquer estudo completo sobre seus pontos de vista em matéria de relações internacionais. No entanto,

Não houve um só problema ou acontecimento nas relações internacionais do século passado [XIX] que tenha escapado da atenção de Marx e de Engels. Eles acompanharam, frequentemente com paixão, todas as guerras, próximas ou distantes, eles analisaram a política externa das grandes potências bem como as negociações diplomáticas e os tratados, eles discutiram os movimentos de ideias e de massas que ultrapassavam as fronteiras nacionais, eles procuraram conhecer as forças motrizes da ação dos homens de Estado (Molnár, 1975, p.333. Tradução nossa)

Mas, apesar dos avanços produzidos pelos estudos de Bloom e Molnár, está longe de ser superado o desconhecimento que historicamente cercou tanto a marxologia quanto a ciência política universitária acerca das visões de Marx e Engels sobre os assuntos internacionais. Exemplo disso é a produção de V. Kubalkova e A. A. Cruishank, autores dos livros: *Marxism-Leninism and Theory of International Relations* (de 1980) e *Marxism and International Relations* (de 1989), ambos dedicados mais à crítica dos fundamentos da política externa dos países do antigo “bloco socialista” do que ao estudo específico dos trabalhos de Marx e Engels. Reeditando a equivocada suposição acerca da inexistência de uma reflexão autônoma sobre os problemas internacionais na produção intelectual dos demiurgos da filosofia da *práxis*, afirmavam que: “A principal dificuldade que cerca o estudo das ideias de Marx sobre as relações internacionais parece se dever ao fato de que ele dedicou muito pouca atenção explícita ao tema” (Kubalkova; Cruishank, 1980, p.13. Tradução nossa). Para eles, portanto, uma concepção marxiana sobre as questões globais só poderia ser apreendida enquanto derivação de suas análises acerca de outros fenômenos.

Poderíamos considerar acertadamente que as relações internacionais parecem ser o que poderia ser descrito como um conceito contextual; e mesmo sendo verdadeiro afirmar que *as ideias de Marx sobre o assunto nunca foram formuladas explicitamente ou reunidas em um único lugar* [grifos meus, M. F.], muitos de seus discursos possuem uma incidência direta no tema e é apenas através do cotejamento das implicações dos mesmos que o pensamento do autor sobre o assunto poderá ser adequadamente apreciado. (Kubalkova; Cruishank, 1980, p.13. Tradução nossa)

Este postulado é radicalizado em uma citação de Martin Wight, reproduzida em outra obra de Kubalková e Cruishank: *Marxism and International Relations*,

Nem Marx, Lenin ou Stálin ofereceram qualquer contribuição sistemática à teoria internacional; o Imperialismo de Lenin é o que mais se aproxima de tal objetivo e

mesmo assim tem pouco a dizer sobre a política internacional (Wight apud Kubalkova; Cruishank, 1989. Tradução nossa).<sup>3</sup>

Ao admitirem a existência de um verdadeiro interesse pelo estudo das relações internacionais por parte de Marx e Engels, Kubalkova e Cruishank tratam no entanto de relativizar a sua importância no universo global das preocupações dos iniciadores da tradição marxista,

Embora Marx e Engels tenham inscrito as relações internacionais no planejamento de suas investigações futuras, tal tema ocupava um lugar bem subalterno na lista, e, assim como no caso de vários outros assuntos, tal estudo não foi completado, aliás, mal foi iniciado (Kubalkova; Cruishank, 1989, p.28. Tradução nossa)

E tentavam explicar a razão de interesse tão diminuto em relação ao objeto,

Em uma situação na qual a dinâmica do capitalismo e a do sistema internacional não possuíam qualquer conexão, Marx e Engels leram equivocadamente o futuro desenrolar de ambos: e isto é particularmente verdadeiro no que se refere às relações internacionais. (Kubalkova; Cruishank, 1989, p.28. Tradução nossa)<sup>4</sup>

Mas, além disso, a análise de Kubalkova e Cruishank ia ainda mais longe ao tentar revelar o fundamento teórico da suposta incapacidade do marxismo clássico em focar adequadamente as questões da realidade internacional. Para eles, tal limitação adviria do paradoxo entre o caráter universal e abstrato da conceituação marxiana acerca do modo de produção capitalista e sua conseqüente inabilidade na apreensão da especificidade do Estado e a necessidade de adaptar tal leitura à objetividade dos fenômenos e processos que possuíam como cenário histórico as sociedades nacionais,

Sua [de Marx] análise econômica no *Capital*, por exemplo, não se vincula a qualquer contexto nacional em particular: é a análise do modo de produção capitalista em sua forma pura e abstrata que entretém predominantemente a sua atenção. Desta maneira, o marxismo se apresenta como uma doutrina universalista por definição, comprometido com a noção de sociedade mundial através de seu conceito de luta de classe internacional. E ainda assim suas categorias habitam uma sociedade doméstica, os desprezados Estados nacionais (Kubalkova; Cruishank, 1989, p.29. Tradução nossa).<sup>5</sup>

---

3 A afirmação original se encontra em Wight (1996).

4 A observação de Kubalkova e Cruishank, além de mal informada, é altamente controvertida na medida em que desvincula o funcionamento do sistema internacional do século XIX da dinâmica do desenvolvimento do capitalismo.

5 Chamo a atenção nesse passo, sem no entanto me prender ao tema, ao precário conhecimento também aqui demonstrado pelos autores, a respeito das reflexões marxianas sobre o Estado.

O fato de não negarem seja a possibilidade de se extrair dos textos do marxismo clássico as bases de uma compreensão das relações internacionais, seja a existência de uma verdadeira preocupação de Marx e Engels com as questões mundiais,<sup>6</sup> associado à incapacidade de mencionar qualquer trabalho produzido pelos dois pensadores germânicos sobre aquelas questões, sugere o desconhecimento por parte de Kubalková e Cruishank dos textos marxianos sobre a conjuntura internacional no período (1851-1862). Hipótese que ganha corpo na observação de uma relação de escritos de Marx e Engels que aparece como apêndice da obra na qual é mencionado apenas um dos textos escrito por Marx na abordagem de questões internacionais, a *História secreta da diplomacia no século XVII*. Tal suposição se confirma ao perceber que em nenhuma das duas obras de Cruishank e Kubalková já citadas, nem em seu artigo de polêmica com Fred Halliday, “The ‘New Cold War’ in ‘critical International Relations studies’”,<sup>7</sup> há qualquer menção às obras de Bloom e Molnár, muito menos aos artigos publicados por Marx e Engels no *New York Daily Tribune*.

### **Marx e Engels como correspondentes da imprensa internacional**

Um dos elementos distintivos fundamentais das atitudes de cada um dos autores para com a produção intelectual de Marx e Engels dedicada aos temas da vida internacional é a atenção devotada por eles à sua correspondência jornalística. Aqueles que negam a existência de uma reflexão autônoma marxiano-engelsiana sobre a temática demonstram desconhecer, ou pelo menos desprezar, esta parte da obra dos dois autores alemães. É o caso claro de Kernig, Aron, Bobbio, Kubalková e Cruishank. Já aqueles que como Salomon Bloom, Kostas Papaioannou e Miklós Molnár admitem e resgatam aquela produção debruçam-se invariavelmente sobre o volumoso acervo de artigos internacionais publicados pelos dois amigos nas páginas de publicações, como o periódico norte-americano *New York Daily Tribune*, os britânicos *People’s Paper* e *Free Press*, os alemães *Die Presse* e *Neue Ordnung Zeitung*. Ora, seria justamente nas páginas de tais publicações que Marx e Engels desempenhariam, ao longo de mais de uma década, a condição de analistas das relações internacionais. Mas, para além de tal consideração, o estudo do conjunto da produção jornalística dos dois teóricos alemães mostra uma relevância de tais textos para o conjunto de suas obras, habitualmente desconsiderada pela quase totalidade de seus biógrafos.

---

6 Kubalková e Cruishank reproduzem na p.33 de *Marxism-Leninism and Theory of International Relations* um plano de estudos elaborado por Marx em 1857. Tal texto, publicado originalmente por Karl Kautsky nas páginas do jornal *Neue Zeit*, continha, além dos temas clássicos da reflexão marxiana (características da sociedade burguesa, classes sociais, relações de propriedade, movimento do capital, formação do Estado etc.), os seguintes assuntos: “4. Relações internacionais de produção. Divisão internacional do trabalho. Intercâmbio internacional [...] 5. O mercado mundial e as crises”.

7 Publicado na *Review of International Studies* n.12, p.163-185, 1986.

Coube ao erudito biógrafo russo D. Riazanov (1870-1942) ressaltar a importância dos artigos do *Tribune* no que toca à atividade política empreendida Marx e Engels no período que vai do refluxo das revoluções europeias do ano de 1848 até a fundação da Primeira Internacional. Para Riazanov (1984), o fracasso das insurreições europeias durante a chamada “Primavera dos Povos” haveria possibilitado a recomposição da ordem política em benefício das classes dirigentes do continente e o desencadeamento de uma ampla reação por parte da coalizão burguesa-aristocrática a partir de 1849. Com a paralisação temporária das atividades políticas, os dois intelectuais revolucionários alemães se deparariam com a necessidade de reestruturação de suas vidas nos planos político e profissional. Tais necessidades conduziram Engels de volta ao seu “ofício de cachorro”, ou seja, aos negócios familiares, e Marx ao jornalismo profissional. Ademais, o isolamento político provocado pela repressão teria tornado bastante convidativa a possibilidade de expressarem suas ideias em órgãos da “burguesia democrática”, como era o caso do *New York Daily Tribune*.

Os acontecimentos revolucionários de 1848 trouxeram para o centro das preocupações de Marx e Engels a dinâmica dos assuntos internacionais por dois motivos: primeiro, em consequência da abrangência europeia dos movimentos insurrecionais que, ao longo de quase todo o continente questionavam o *status quo* da Convenção de Viena, e segundo, porque o tema da unificação alemã apresentava-se como uma questão internacional, não só por envolver os diversos Estados alemães afetados pelo problema, mas também por interferir nas relações de poder do conjunto do continente e, mais dramaticamente, da região centro-oriental da Europa. De fato, o movimento de superação da fragmentação nacional das populações germânicas erigia uma ampla gama de problemas, como os que diziam respeito ao Estado que assumiria a hegemonia do processo, o problema das relações austro-prussianas, a questão das nacionalidades não germânicas no interior do império austríaco, o problema nacional da Polônia e da Hungria, as relações dos Estados alemães com os impérios austríaco e otomano etc. Tratava-se, portanto, de um elenco de reflexões nas quais a dimensão internacional emergia da periferia das preocupações centradas nos assuntos concernentes a uma possível revolução democrática europeia e se deslocava para posições próximas do núcleo do pensamento dos autores.

Destarte, a intensa atividade jornalística de Marx e Engels ao longo do decênio 1839-1849 representou não apenas o período de formação teórico política daqueles que viriam a ser dois dos mais importantes líderes do movimento operário europeu nas décadas seguintes. Significou também a fase de conformação de uma visão de mundo internacionalista, no interior da qual a consciência da indissolubilidade da vinculação entre os componentes nacionais e internacionais da dinâmica política dos países europeus ofereceria a base fundamental para as análises internacionais que se sucederiam no período 1851-1862, época da colaboração com o *New York Daily Tribune*. Este diário norte-americano, fundado em 1841 e publicado até 1924,

orientava-se por posições liberais de esquerda até meados dos anos 1850, tornando-se, a partir de então, órgão do Partido Republicano. A colaboração de Marx e Engels neste jornal foi intermediada pelo escritor e jornalista Charles Dana, que Marx conheceu na Alemanha no final dos anos 1840. Editor do periódico ao longo de todo o período da colaboração de Marx e Engels, Dana fora fortemente influenciado pelas ideias dos chamados utopistas durante sua permanência na Europa na década de 1840. Quando deflagrou a Guerra Civil norte-americana, o *Tribune*, coerente com a posição adotada pelo Partido Republicano, perfilou claramente ao lado das forças abolicionistas, apoiando os estados setentrionais em sua luta contra a secessão sulista. Entretanto, em virtude de dificuldades financeiras sofridas no curso da guerra, dispensou todos os seus colaboradores internacionais, interrompendo a correspondência de Marx com o veículo em 1862. Durante o período de colaboração, vários artigos de Marx e Engels foram publicados como editoriais. Embora editado na cidade de Nova York e, portanto, direcionado prioritariamente ao público norte-americano, algumas intervenções de Marx e Engels nas páginas do *Tribune* obtiveram ressonância no seio da própria Inglaterra.

O estudo do significado da parcela da produção intelectual de Marx e Engels elaborada para publicação no *Tribune* demanda também um levantamento do universo quantitativo dos mesmos. Foi Maximilien Rubel (1991) o primeiro a ensaiar tal levantamento. Em sua *Crônica de Marx*, o marxólogo francês confere grande relevo à produção jornalística de Marx e Engels. Com expressiva acuidade, Rubel enumera os artigos e pontua os principais temas abordados pelo pensador alemão em sua correspondência com o *Tribune*. A referida enumeração oferece os seguintes dados:

**Tabela 1 – Contribuição de Marx para o *Tribune***

Ano de publicação	Número de artigos (aproximado)
1852	10
1853	60
1854	60
1855	10
1856	20
1857	50
1858	60
1859	40
1860	20
1861	12
1862	“alguns artigos”
<b>Total:</b>	342*

\* Número aproximado (excetuando 1862).

Não obstante sua inegável erudição, os dados do pesquisador francês encontram-se longe de estarem completos. Pesquisando as obras publicadas na coedição britânico-soviética-norte-americana das *Collected Works*<sup>8</sup> de Marx e Engels (1979) foi localizado um acervo de textos bem mais numeroso. A obra em questão encontra-se dividida em vários volumes, cada qual abrangendo um período de dois a três anos. Os trabalhos publicados por Engels e Marx no período 1851-1864, quando se desenvolveu a colaboração com o *New York Daily Tribune* (1851-1862), correspondem a sete volumes da coletânea (11 a 17). Tais volumes reproduzem um número total de 794 textos de Marx e Engels. Deste conjunto, sete obras correspondem a trabalhos publicados como brochuras independentes<sup>9</sup> e cerca de vinte escritos correspondem a artigos não publicados e materiais preparatórios para textos posteriormente editados.

Faz-se todavia necessário identificar, no bojo deste repertório, a parcela de textos dedicados ao exame dos temas internacionais. Mas, neste passo, surgem também problemas concernentes à própria definição do que possam ser considerados, no contexto de tal produção, temas internacionais. Se Marx (e Engels) atuaram como correspondentes de um jornal norte-americano na Europa, pode-se aferir que o conjunto de seus escritos, em tal periódico, versando sobre questões da realidade europeia, poderiam ser incluídos em tal categoria. Até mesmo análises de fenômenos como as relações entre os partidos políticos ingleses, os debates constitucionais alemães ou as insurreições antimonárquicas na Espanha caberiam em tal definição. Tudo isto pela simples razão de que o conceito de assuntos internacionais (*international affairs*), pertinente nestes casos e correntemente empregado no século XIX, antecedeu tanto a universalização do uso do conceito de relações internacionais, referido à abordagem dos temas mundiais, quanto o desenvolvimento de um campo de estudos intelectuais hoje conhecido como relações internacionais, ambos os produtos do processo de institucionalização e especialização do conhecimento acadêmico verificados ao longo do século XX. Campo de estudo este que tem avançado em direção a um grau de definição temática e fundamentação teórica necessários à sua individualização no âmbito das ciências sociais. Como observa Fred Halliday,

O objeto das Relações Internacionais, como o de todas as disciplinas acadêmicas, está situado em mais de uma dimensão. Todas as ciências sociais devem sua origem e desenvolvimento a uma interação com o mundo exterior: a Economia emergiu

---

8 O levantamento, identificação, tradução e organização dos textos da coletânea foi o resultado do trabalho conjunto de pesquisadores soviéticos, britânicos e norte-americanos. Tendo sido impressa em Moscou (Edições Progresso) e registrada em Londres (Lawrence and Wisharts), a obra contou ainda com a participação da International Publishers Co., de Nova York, e a colaboração do Instituto de Marxismo-Leninismo com sede na capital soviética.

9 São elas: *Herr Vogt*, *Great Men in Exile* e *The Knight of Noble Consciousness* e *Revelations Concerning the Communist Trial in Cologne* de Marx, *Po and Rhine* e *Savoy and Nice* de Engels.

como uma resposta ao comércio e à industrialização dos séculos XVIII e XIX, a Sociologia à evolução da sociedade urbana, a Antropologia ao contato colonial, e assim sucessivamente. Além disso, cada uma possui sua própria agenda enquanto disciplina universitária: uma necessidade de resistir aos modismos de ocasião e às pressões do poder, de modo a tratar com independência o objeto de sua disciplina; a missão (dever?) de utilizar o seu conteúdo e seus métodos para afiar e treinar o pensamento de seus estudantes; e seu próprio escopo de preocupações acadêmicas duradouras.

Estas preocupações duradouras das Relações Internacionais, como é evidenciado pela variedade de cursos oferecidos, contêm dois aspectos distintos: o primeiro é amplamente analítico – o papel do Estado nas relações internacionais, o problema da ordem nas condições de inexistência de uma autoridade suprema, o relacionamento entre o poder e a segurança, a interação da força econômica com a força militar, as causas dos conflitos e as bases para a cooperação. A outra dimensão é normativa – a questão de quando e até que ponto é legítimo o uso da força, as nossas obrigações que emanam do Estado e as que não emanam de nosso Estado [*the obligations we owe the state and those not from our state...*], os erros e acertos das intervenções (Halliday, 1994, p.4-5. Tradução nossa).

Ora, se a emergência de uma “ciência das Relações Internacionais” institucionalizou a delimitação do campo de estudos das relações internacionais, enquanto objeto histórico-concreto<sup>10</sup> no início do século XX, a investigação sobre as análises dos fenômenos internacionais no século XIX, para não ceder ao anacronismo, deverá considerar as condições específicas da determinação de tal categoria naquele período. O que significa, fundamentalmente, a impossibilidade de se localizar na reflexão de qualquer autor daquela época abordagens que correspondam integralmente aos padrões das análises internacionais da atualidade.

## **Conclusão**

Repudiado em grande medida pela institucionalidade acadêmica ocidental, o pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels representou, entretanto, fonte de inspiração teórica para alguns dos mais férteis intelectuais e investigadores tanto no âmbito da história, quanto no da economia, tanto no campo da filosofia, quanto no da teorização política. Ademais, boa parte do que de mais consistente se produziu ao longo do século XX, nas mais variadas esferas do pensamento, ainda que à margem da tradição marxista, se fez em diálogo ou em polêmica com as bases daquela tradição. Entretanto, possivelmente nenhum outro setor do *esta-*

---

10 Recupero aqui a distinção enfatizada por Kubálková e Cruishank (1980, p.10) entre “Relações Internacionais enquanto uma disciplina e as relações internacionais no mundo real através do uso de maiúsculas e minúsculas respectivamente”.

*blishment* universitário do Ocidente se revelou tão hostil às influências marxianas, marxistas ou marxicizantes quanto às escolas dedicadas à pesquisa das relações internacionais. As razões de tal fato podem ser intuídas com pouca dificuldade: à circunstância do campo de estudos internacionais haver se cristalizado no contexto da Guerra Fria, à ampla hegemonia teórica do funcionalismo e do estruturalismo anglo-saxões na construção das referências teóricas e metodológicas da disciplina e à sua subordinação à politologia ocidental.

Em tais condições, recuperar o sentido das reflexões marxianas e engelsianas sobre as relações internacionais e a história mundial (que lhes foi) contemporânea pode representar uma iniciativa teórica de relevo no caminho da renovação no sentido histórico-dialético de uma disciplina que a evolução da realidade mundial contemporânea tornou indispensável.

### Referências bibliográficas

- ARON, R. *Paz e guerra entre as nações*. Brasília: Editora da UNB, 1986.
- BLOOM, S. *El mundo de las naciones: el problema nacional en Marx*. 1.ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 1975 [1941].
- BOBBIO, N. As relações internacionais e o marxismo. \_\_\_\_\_. *Ensaio Escolhidos*. São Paulo: Ciências Humanas, s/d.
- ENGELS, F.; MARX, K. *Collected Works*. Londres: Lawrence & Wishart, 1979.
- HALLIDAY, F. *Rethinking International Relations*. Londres: Macmillian, 1994.
- KERNIG, C. D. (Org.) *Marxismo y democracia*. Enciclopédia de conceptos básicos. v.7, 1.ed. Madri: Rioduero, 1975 [1973].
- KUBÁLKOVÁ, V.; CRUISSHANK, A. A. *Marxism and International Relations*. Oxford-New York, Oxford University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Marxism-Leninism and theory of international relations*. Londres: Routledge & Kegan, 1980.
- MOLNÁR, M. *Marx, Engels et la politique internationale*. Paris: Gallimard, 1975.
- PAPAIOANNOU, K. Marx y la política internacional. *De Marx y del marxismo*. 1.ed. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1991 [1967].
- RIAZANOV, D. *Marx, Engels e a história do movimento operário*. São Paulo: Global, 1984.
- RUBEL, M. *Crônica de Marx*. São Paulo: Ensaio, 1991.
- WIGHT, Why is There no International Theory?. In: BUTTERFIELD, H.; WIGHT, M. (Eds.). *Diplomatic Investigations*. London: George Allen and Unwin, 1966.

### Resumo

Neste texto relatamos a produção intelectual de Karl Marx e Friedrich Engels dedicada aos temas da vida internacional por meio de sua correspondência jornalística. Discordamos daqueles que negam a existência de uma reflexão autônoma marxiano-engelsiana sobre a temática, que demonstram desconhecer, ou pelo menos desprezar, esta parte da obra dos dois autores alemães. É o caso claro de Kernig, Aron, Bobbio, Kubálková e Cruishank. Alinhamo-nos a autores como

Salomon Bloom, Kostas Papaioannou e Miklós Molnár, que admitem e resgatam tal produção, debruçando-se sobre o volumoso acervo de artigos internacionais publicados pelos dois amigos nas páginas jornalísticas, sobretudo do periódico norte-americano *New York Daily Tribune*. Justamente nestas páginas Marx e Engels desempenham, ao longo de mais de uma década, a condição de analistas das relações internacionais.

**Palavras-chave:** Karl Marx, Friedrich Engels, analistas de Relações Internacionais.

### **Abstract**

In this text we report the intellectual production of Karl Marx and Friedrich Engels devoted to the themes of international life through their journalistic correspondence. We disagree with those who deny the existence of an autonomous Marxian-Engelsian reflection on the subject, who shows that they do not know, or at least disregard, this part of the work of the two German authors. This is the clear case of Kernig, Aron, Bobbio, Kubálková and Cruishank. We align ourselves with authors such as Salomon Bloom, Kostas Papaioannou and Miklós Molnár, who admit and rescue this production, looking at the large collection of international articles published by the two friends on newspapers' pages, especially on the *New York Daily Tribune*. Precisely on these pages Marx and Engels played, over more than a decade, the role of analysts of international relations.

**Keywords:** Karl Marx, Friedrich Engels, International Relations Analysts.